



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**A REALIZAÇÃO DA CONSOANTE OCLUSIVA PRECEDIDA DE VOGAL
NASAL NA COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE JANEIRO**

Mayara Beatriz Gonçalves

Rio de Janeiro

2023

MAYARA BEATRIZ GONÇALVES

**A REALIZAÇÃO DA CONSOANTE OCLUSIVA PRECEDIDA DE VOGAL
NASAL NA COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE JANEIRO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português- Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

G635r Gonçalves, Mayara
 A REALIZAÇÃO DA CONSOANTE OCLUSIVA PRECEDIDA DE
 VOGAL NASAL NA COMUNIDADE DE FALA DO RIO DE JANEIRO
 / Mayara Gonçalves. -- Rio de Janeiro, 2023.
 035 f.

 Orientador: Marcelo Alexandre Silva Lopes de
 Melo.

 Trabalho de conclusão de curso (graduação)
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
 de Letras, Licenciado em Letras: Português
 Literaturas, 2023.

 1. Sociolinguística Variacionista. 2. Modelos
 Baseados no Uso. 3. Mudança sonora. I. Silva Lopes
 de Melo, Marcelo Alexandre, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

Agradeço para além dos limites do que cabe em meu coração...

Às mulheres que, por incontáveis vezes, dedicaram suas vidas ao meu bem-estar e às minhas realizações antes mesmo das suas próprias. À minha avó Irene Benedita, à minha mãe Andreia João e às minhas tias-mães Adriana e Marinalva João todo o amor que é possível de ser sentido e cultivado por mim. Vocês são a razão para manter o meu ser íntegro e grato.

A toda minha família por todo tipo de apoio que forneceram a mim durante os últimos 23 anos. Obrigada por me manterem por perto e por sempre serem a minha companhia no fim de tudo o que possa acontecer.

À pessoa que eu possuo a honra de ter como parte da minha vida há quase uma década como amiga: Geovana Triani. Obrigada por ser mais do que é possível definir com palavras, e agradeço, acima de tudo, por você ser a minha pessoa nesse mundo e em todos os outros em que nos encontraremos. Você tem sido o meu lar, minha referência, meu descanso e fonte inesgotável de apoio. A ti, meu agradecimento transcende os limites da vida física.

Aos amigos da Faculdade de Letras, que dividiram comigo, além de salas de aulas e corredores, seus sonhos, trajetórias, alegrias e momentos que serão lembrados por mim sempre com felicidade por ter tido a oportunidade de nos encontrarmos nessa passagem. Ana Beatriz Loureiro, Luiza Lima, Palloma Pimentel, Pamela Ramos e Ricardo Soares, obrigada por me receberem em suas vidas e por abrandarem os momentos de tempestade. Guardarei comigo todos os momentos vividos dentro e fora dos muros da universidade.

Ao meu orientador, professor Marcelo Melo, que me recebeu de coração aberto e, assim, abriu as portas do fazer científico para mim. Marcelo, obrigada por sua bondade comigo e com todos ao seu redor e também por acreditar nesta pesquisa diversas vezes por mim. Serei eternamente agradecida por todo o auxílio durante a vida acadêmica. Você é exemplo para mim e muitos outros.

À Simone Freitas, que mostrou com suas demonstrações diárias o quão belo e gratificante pode ser dedicar a vida a ensinar e aprender com o outro. Você fez do meu primeiro contato com o magistério nascente de amor e companheirismo. Obrigada por me mostrar o amor ao próximo como força de trabalho, por me ensinar aquilo que nenhum livro ou aula seriam capazes: deixar cativar e abraçar o novo com esperança. Para além da sala de aula, aprendi imensamente sobre afeto em sua companhia.

A todos que fizeram parte, de alguma maneira, dessa tão enriquecedora jornada. Essa pesquisa carrega muito almejo e crença em dias mais promissores ao fazer científico e ensino brasileiros públicos de qualidade e acesso a todos.

À fé no afeto ao ato de construir conhecimento para e com todos.

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados da última fase de um projeto que observa a alternância entre as consoantes [d] e [n] antecedidas de vogal nasal, como em *fazen[d]o* ~ *faze[n]o* e *quan[d]o* ~ *qua[n]o*, a partir de dados de fala espontânea de um subgrupo de 08 falantes da Amostra Censo 2000, composta por falantes da classe média-média e média-baixa. Mollica e Mattos (1992) observaram essa variável a partir de dados obtidos junto a falantes de comunidade de fala do Rio de Janeiro, os quais faziam parte da Amostra Censo 1980. As autoras realizaram duas análises: (a) uma multivariacionista, em que apenas as formas de gerúndio foram analisadas; e (b) outra difusionista, em que as autoras observaram itens de diferentes classes gramaticais. Os resultados obtidos à época mostraram que (a) para a análise multivariacionista, os itens menores favoreciam a realização da variante oclusiva, assim como o contexto seguinte constituído por pausa; (b) havia não só uma maior variabilidade nas formas de gerúndio, como também havia maior percentual de realização da oclusiva em adjetivos, numerais, conectores (como nas ocorrências de “quando” e “segundo”) e nomes comuns, sendo os próprios realizados categoricamente com a oclusiva. Partindo do estudo de Mollica e Mattos (1992), no presente estudo, foram testadas as seguintes variáveis: vogal nasal precedente, tamanho do item, tonicidade da sílaba, contexto seguinte, status morfológico do segmento (morfema de gerúndio ou não), sexo, escolaridade e faixa etária dos falantes, além das variáveis aleatórias item lexical e falante. Os dados de cada amostra foram submetidos às análises estatísticas de efeitos fixo (com todos os itens da amostra) e efeitos mistos (apenas com os itens com mais de três ocorrências), a fim de que o item lexical pudesse ser analisado como variável de efeito aleatório. As análises conjugaram os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]) e da Teoria de Exemplos (CRISTÓFARO-SILVA, GOMES, 2020). Quanto à distribuição geral das variantes, resultados revelaram um percentual elevado de realização de [n]: 74,8%. Esse resultado pode apontar para um possível processo de mudança em andamento na comunidade de fala, já que o percentual para [n] na Amostra Censo 1980, com falantes da mesma comunidade de fala, foi de apenas 31% (cf. MOLLICA e MATTOS, 1992). Relativamente aos resultados das análises realizadas, foi possível observar que, em relação à rodada com todos os itens e apenas com variáveis de estruturais de efeito fixo, somente a vogal precedente foi apontada como variável significativa pelo programa: vogal médias e baixa favorecem a realização da variante nasal e vogais altas desfavorecem a realização da mesma variante. Em relação à rodada de efeitos aleatórios (item e falante) apenas com itens que ocorreram mais de 03 vezes e variáveis sociais, nenhuma variável foi considerada significativa pelo programa, o que pode apontar para possíveis condicionamentos lexicais. Isto porque, além das formas de gerúndio, alguns itens não-verbais, tais como *quando*, apresentaram elevados percentuais de realização com [n] na amostra. Os resultados podem ser mais bem acomodados por meio de um modelo que incorpore a variabilidade à representação sonora das palavras: pode ser que, para alguns itens mais frequentes, a representação dominante seja com a variante nasal. Espera-se que, com o levantamento de mais dados, seja possível confirmar os resultados encontrados até o momento, bem como investigar com maior clareza o papel do item lexical para a propagação de um possível processo de mudança sonora em direção à variante nasal.

PALAVRAS-CHAVE: Alternância de Nasal e Oclusiva em Segmento /ndo/; Sociolinguística Variacionista, Modelos Baseados no Uso, Mudança Sonora.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	10
1.1 Sociolinguística Variacionista	10
1.2 Modelos Baseados no Uso.....	13
2. BREVE REVISÃO DA LITERATURA.....	16
3. METODOLOGIA.....	24
3.1 Amostra Censo 2000	24
3.2 Variável dependente	24
3.3 Variáveis independentes	25
3.4 Programa estatístico.....	26
4. RESULTADOS E ANÁLISES	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa que observa a alternância entre as consoantes [d] e [n] antecedidas de vogal nasal, como em *fazen[d]o* ~ *faze[n]o* e *quan[d]o* ~ *qua[n]o*, a partir de dados de fala espontânea de um subgrupo de 08 falantes da Amostra EJLA, os quais são falantes da classe média-média e média-baixa da comunidade de fala do Rio de Janeiro. Esta alternância já foi observada em algumas variedades do português brasileiro (PB), tendo sido o trabalho de Mollica e Mattos (1992) o primeiro que abordou essa alternância na variedade carioca. Por este motivo, as análises deste trabalho partem das hipóteses e análises conduzidas por Mollica e Mattos. Além disso, a presente pesquisa tentou superar a análise cindida proposta pelas autoras, tendo em vista que, em razão do modelo de gramática assumido pelas autoras e do modelo estatístico disponível à época, foram realizadas duas análises: uma multivariacionista e outra difusionista.

Na análise multivariacionista, apenas as formas de gerúndio foram observadas, pois o objetivo era capturar condicionamentos estruturais que poderiam estar atuando na realização da variável. Isto porque as formas de gerúndio eram aquelas em que mais se observava variação entre as variantes e, conseqüentemente, poderiam revelar a atuação de efeitos estruturais. Na análise difusionista, as autoras analisaram todos os itens lexicais e, para que se pudesse capturar condicionamentos lexicais, esses itens foram divididos por classes gramaticais. É importante frisar, novamente, que essa análise cindida foi necessária, porque o modelo de gramática e de tratamento estatístico disponíveis à época não permitiam conjugar efeitos de condicionamentos estruturais e lexicais.

Assim, para o presente trabalho, serão adotados os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]), os quais concebem o sistema linguístico como dotado de heterogeneidade ordenada, bem como dos Modelos Baseados no Uso (Bybee, 2016; Pierrehumbert, 2016), os quais concebem status representacional à variação. Além disso, para as análises, será adotado o modelo de efeitos mistos, os quais permitem que variáveis de efeitos fixos e aleatórios sejam analisadas. Com isso, conjugando um novo modelo de gramática e um novo tratamento estatístico dos dados, pretende-se contribuir para a observação da variável, conciliando, em uma mesma análise, condicionamentos estruturais e lexicais.

O presente estudo também parte de trabalhos anteriores sobre a variável: Mollica e Mattos (1992), conforme já anunciado, além de Aragão e Araújo (2016) e Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018).

Esta monografia está organizada da seguinte maneira: no primeiro capítulo deste trabalho, são apresentados os pressupostos teóricos que embasam o trabalho (Sociolinguística Variacionista e os Modelos Baseados no Uso). No segundo capítulo, tem-se uma breve revisão bibliográfica de trabalhos que analisaram a mesma variável, em diferentes variedades do PB. No quarto capítulo, será apresentada a metodologia utilizada para pautar a presente análise. No quinto capítulo, serão apresentados os resultados que foram obtidos e, por fim, serão apresentadas as considerações finais do trabalho.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo serão apresentados os conceitos fundamentais da Sociolinguística Variacionista e o desenvolvimento dos estudos linguísticos no decorrer dos anos. Para isso, serão analisados os princípios gerais do Estruturalismo e da Teoria Gerativista, a fim de explorar uma comparação da concepção de língua nesses modelos e aquela proposta pela Sociolinguística, além de entender as diversas dicotomias que foram rompidas a partir dos estudos iniciados por Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]). Na segunda seção deste capítulo, serão apresentados os pressupostos dos Modelos Baseados no Uso, os quais concebem a variação como representação e podem avançar na compreensão da variação e mudança linguística.

1. 1 Sociolinguística Variacionista

A concepção de língua firmada por Ferdinand Saussure, no Estruturalismo, é ancorada em algumas dicotomias, como entre *langue* e *parole*. De acordo com essa dicotomia, a *langue* seria um sistema linguístico coletivo e homogêneo, enquanto *parole* seria a manifestação individual da *langue* (COELHO et al., 2010). Em continuação a essa concepção, pela Teoria Gerativa proposta por Noam Chomsky, a competência linguística se refere ao conhecimento linguístico abstrato internalizado que todo falante tem de sua própria língua, ao passo que o desempenho se refere unicamente ao ato linguístico individual, isto é, à manifestação do conhecimento linguístico (ibidem). Para além de eventuais diferenças, ambas abordagens teóricas – o Estruturalismo e a Teoria Gerativa – apresentam a língua como uma realidade abstrata que desconsidera fatores sociais e como os falantes usam a língua. Assim, como é concebida sendo uma estrutura comum a todos os falantes, a língua seria um sistema homogêneo.

Em um movimento contrário a essa tradição, Weinreich, Labov e Herzog (WLH) entendem que não é possível explicar a mudança linguística se o sistema linguístico for compreendido como uma estrutura homogênea, abstrata e apartada de seus usos. Dessa maneira, para explicar a mudança linguística, os autores defendem uma concepção de língua como um sistema inerentemente variável, ou seja, entendem que a variação faz parte do sistema linguístico.

Em outras palavras, em lugar da homogeneidade, a Sociolinguística Variacionista adota o conceito de heterogeneidade ordenada, rompendo as dicotomias *langue* x *parole* e competência x desempenho: “argumentaremos que o domínio de um falante nativo

[nativelike command] de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo nem com o "mero" desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue” (WLH, 2006 [1968], p. 101). Com base nisso, a Sociolinguística Variacionista entende que não há um conhecimento linguístico homogêneo, pois a variação é inerente a qualquer sistema linguístico.

Portanto, sendo as línguas sistemas heterogêneos, a variação não é aleatória, mas sistemática e previsível, sendo condicionada por aspectos sociais e estruturais. O sistema linguístico é, dessa maneira, composto por formas categóricas e variáveis. A principal evidência dessa sistematização é o fato de que os falantes de uma língua conseguem se comunicar e se entender perfeitamente, sem que as variações linguísticas sejam um empecilho (COELHO et al., 2010).

Nesse sistema heterogêneo estruturado, as formas não são somente categóricas – isto é, invariantes, tal como concebido pelo Estruturalismo e Gerativismo –, pois o sistema também comporta formas variáveis. Coelho et al. (2010) explica que “[a] noção de regra variável implica que não existe variação livre [...]. Uma regra variável relaciona duas ou mais formas linguísticas de modo que, quando a regra se aplica, ocorre uma das formas e, quando não se aplica, ocorre(m) a(s) outra(s) forma(s)”. Portanto, as formas variáveis – ou regras variáveis, conforme previsto inicialmente – de uma língua são o que permitem a alternância de em um contexto social se falar de uma maneira e, em um contexto diferente, mudar essa forma sem alterar o sentido.

Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]) apresentam cinco questões para o estudo da mudança linguística: como funcionam os fatores condicionantes, encaixamento, transição, avaliação e implementação.

1. Fatores condicionantes: os *condicionamentos* de uma mudança linguística podem ser internos ou externos ao sistema linguístico. Por exemplo, a mudança pode ser tanto a partir de fatores acústicos e articulatórios quanto pela faixa etária dos falantes;
2. Encaixamento: toda mudança linguística é encaixada na matriz de concomitantes linguísticos e extralinguísticos;
3. Transição: as mudanças passam por estágios e nesse processo é possível identificar uma fase de transição – momento em que há mudanças intermediárias;

4. Avaliação: determinando o nível da consciência social, as mudanças são avaliadas em relação aos seus efeitos sobre a estrutura linguística e sobre a estrutura social;
5. Implementação: análise do motivo pelo qual uma mudança linguística ocorre – é implementada – em uma época específica. WLH explica como uma variante é difundida em um subgrupo específico de uma comunidade e, gradualmente, chega até outros elementos do sistema se implementando em toda a comunidade de fala.

Nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, a mudança linguística ocorre dentro do contexto de uma comunidade de fala. De acordo com Labov (2008, p. 188), uma comunidade de fala é definida em função do compartilhamento de normas por um grupo de falantes.

Patrick (2003) observa que o conceito de comunidade de fala tem sido usado, por diferentes estudos sociolinguísticos, para designar comunidades urbanas e/ou rurais geograficamente ligadas, seja em grande ou menor escala. O autor ainda diz que o conceito de comunidade de fala é também usado para definir comunidades através de determinadas classes (idade, gênero, classe social entre outras), o que, ainda segundo o autor, aponta para um conceito de “comunidade de fala” centrado em paradigma pouco aprofundado e geralmente etnográfico. De qualquer forma, para a Sociolinguística Variacionista, o indivíduo passa a ser analisado a partir de sua estrutura social pertencente, já que, para entender como funciona um processo de variação, é necessário analisar as diversas variáveis que abarcam qualquer comunidade de fala.

A Sociolinguística Variacionista apresenta o conceito de variação como duas ou mais formas linguísticas que podem ocorrer no mesmo contexto de fala apresentando valor referencial igual, portanto, com equivalência funcional e semântica. Assim, para identificar uma variação, é necessário analisar a alternância que ocorre no mesmo contexto, além da equivalência de significado referencial e funcional. Dentro disso, há o conceito de variante que se refere às formas alternantes que possuem o mesmo significado. Nesse sentido, as variantes podem se alternar ao longo do tempo sem que uma forma não seja substituída pela outra.

Isso acontece porque não houve mudança, pois “[n]em toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WLH 2006 [1968], p. 126).

Isto é, ainda que toda mudança linguística seja um processo de variação, não necessariamente uma variação (concorrência entre dois ou mais elementos) resulta em uma mudança na língua.

A partir dos conceitos sociolinguísticos apresentados, torna-se evidente que a heterogeneidade de um sistema linguístico deve ser buscada na comunidade de fala. Vale ressaltar que, para Labov, essa comunidade apresenta determinada homogeneização devido às atitudes sociais e normas linguísticas compartilhadas que permitem a comunicação espontânea e plenamente compreendida entre os falantes. Com base nesses pressupostos, entende-se que a organização do conhecimento linguístico dos falantes inclui tanto aspectos linguísticos como sociais.

1.2 Modelos Baseados no Uso

Apesar de conceber o sistema linguístico como dotado inerentemente de variação, os estudos variacionistas adotaram, ao longo das últimas décadas, um modelo de organização do conhecimento linguístico segundo a qual a gramática é constituída por um núcleo invariante, a partir do qual as formas variáveis são produzidas. Essa concepção de sistema linguístico coloca uma questão importante para o tratamento da variação nos estudos sociolinguísticos: como uma gramática cujo núcleo é invariante seria capaz de acomodar a variação? (cf. CRISTÓFARO-SILVA e GOMES, 2004, p. 32). Além disso, uma concepção de gramática com núcleo invariante implica assumir que a variação é o resultado da aplicação de uma regra variável que se aplica a uma determinada forma única, ou seja, a variação seria o produto de um processo. Pierrehumbert (1994) argumenta que, em razão de ocupar um lugar central no conhecimento linguístico do falante, a variação não poderia ser representada apenas por meio de processos fonológicos.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126) mencionaram a importância de contribuições da linguística teórica para o entendimento da variação e da mudança linguística. Assim, o tratamento representacional dado à variabilidade observada na fala pelos Modelos Baseados no Uso (doravante MBU) pode trazer novas contribuições para a compreensão da natureza do conhecimento linguístico do falante.

Nesta abordagem, a representação detalhada é captada pela Teoria de Exemplos. A Teoria de Exemplos volta-se para a análise, sobretudo, dos aspectos de detalhe fonético, efeitos de frequência – que podem ser: frequência de tipo ou frequência de ocorrência – e o gerenciamento gramatical das representações abstratas.

Primariamente elaborada sendo voltada para a área da psicologia, a Teoria de Exemplos constitui um modelo representacional para a fonologia (Cristóvão e Gomes, 2017). Esse modelo assume que há impacto das experiências do falante às suas representações mentais de itens lexicais, em que cada item estocado no léxico carrega informações linguísticas e extralinguísticas.

Por outro lado, à luz da Fonologia de Exemplos, a variação é tratada de forma que os falantes armazenam a informação fonética detalhada, da qual emergem padrões abstratos de representação (Bybee, 2010; Pierrehumbert, 2016). Isso apresenta a vantagem de poder abarcar tanto os fatores intralinguísticos quanto os extralinguísticos, assim como viabiliza o acesso ao processo de variação e mudança levando em conta as representações cognitivas do falante.

Divergindo do que é proposto pela corrente gerativista, na Fonologia de Exemplos as representações fonéticas apresentam complexidade e possuem mapeamento simplificado, dos quais emergirão as representações abstratas. O modelo gerativo propõe uma abordagem em que as representações são simples, pois possuem apenas uma representação subjacente, porém com um mapeamento complexo. Diferentemente do que apresenta os Modelos de Exemplos, que seguem o princípio de memória enriquecida, a Sociolinguística Variacionista assume que a variação se dá a partir de um processo. Então, para essa teoria, a variação de um item lexical procederá de sua representação única abstrata, de onde partirão as formas variantes do item.

Na perspectiva da Fonologia de Exemplos, ou Modelos Baseados no Uso, é dado à variação *status* representacional dentro do conhecimento linguístico do falante, o que significa dizer que o falante possui estocado em seu léxico mental todas as formas variantes de determinado item lexical, ao contrário do que é proposto pelo modelo gerativista, em que as formas variantes surgem a partir de um único item lexical. A partir disso, compreende-se que a variação é parte integrante do conhecimento linguístico, o que permite afirmar que a Fonologia de Exemplos parte do princípio de memória enriquecida. Assim, a representação sonora no léxico mental de cada falante vai ser organizada de acordo com a experiência pessoal de cada um com o uso da língua, tendo em vista as produções e percepções que serão realizadas nos diferentes contextos de comunicação.

Quanto à organização do léxico mental, cada forma carrega um significado que, de acordo com a sua frequência de uso, será mais ou menos robusto na mente do falante, ou seja, itens mais frequentemente empregados apresentarão maior centralidade na organização. Ademais, a densidade também é fator determinante para a organização mental, em virtude da proximidade que os exemplares similares possuem e do distanciamento daqueles mais heterogêneos entre si, o que também é pautado a partir do número de ocorrências que possuem. De acordo com a teoria, os feixes de exemplares contêm as representações sonoras dos itens lexicais e, portanto, farão parte de um feixe de exemplares os usos linguísticos com os quais o falante entra em contato durante sua vivência. Logo, a partir da experiência, os feixes serão atualizados e organizados no léxico mental, viabilizando, portanto, o registro dos efeitos de frequência na variação e mudança. Acerca da teoria, existem críticas relacionadas aos limites que a memória humana possui, levando em consideração que todas as formas linguísticas fazem parte do conhecimento linguístico dos falantes, o que, segundo as críticas, inviabilizaria a teoria. Porém, não é possível afirmar quais são os limites da mente humana e que ela é incapaz de armazenar tamanho conhecimento linguístico. Além disso, ao ter estocado no léxico todas as representações, a mente humana lidaria mais rapidamente com o acesso à informação linguística, considerando que ela já é parte do conhecimento e pode ser facilmente alcançada.

2. BREVE REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, serão apresentados alguns estudos que abordam a variável analisada neste trabalho. Os referidos estudos observaram a realização da variável /ndo/ em diferentes comunidades de fala do português brasileiro, tais como as variedades sergipana, paulistana e carioca. O objetivo desta apresentação é trazer os resultados destes diferentes estudos os quais apontam para condicionamentos importantes para a realização da variável, o que foi muito importante para nortear a pesquisa.

O ponto de partida para a elaboração dessa monografia foi o trabalho de Mollica e Mattos (1992). As autoras observaram a realização da oclusiva precedida de vogal nasal – ou assimilação da oclusiva em contexto /ndo/, como denominado pelas autoras – a partir de dados coletados de 64 falantes não universitários residentes do município do Rio de Janeiro que compõem a Amostra CENSO 1980. Assim, as autoras analisaram 32 horas de entrevistas, totalizando 30 minutos para cada uma, e chegaram à marca de 4.235 dados de fala coletados.

Para este estudo, as autoras lançaram mão de duas abordagens distintas: multivariacional e difusionista. Segundo as autoras, essas duas abordagens se faziam necessárias, uma vez que, por meio da abordagem multivariacional, seriam analisadas a correlação em diferentes fatores – de ordem linguística e extralinguístico – para a variação observada, ao passo que a abordagem difusionista se fazia necessária por permitir que se observasse o comportamento dos diferentes itens lexicais que continham a variável. Assim, a abordagem multivariacional levou em conta apenas itens que foram realizados de maneira variável; já a abordagem difusionista levou em conta todos os itens com a variável, inclusive aqueles em que não foi observada variação (nomes próprios, nomes comuns e adjetivos).

Importante ressaltar que essa metodologia cindida foi necessária em razão do modelo de gramática e do modelo estatístico para tratamento dos dados que estavam disponíveis à época do estudo. Em outras palavras, o modelo de gramática formal, que concebe a variação como o resultado de um processo em que uma determinada regra variável é aplicada a uma forma subjacente, não possibilita que se analisem as diferentes variáveis independentes, cujo foco de análise são os segmentos, e o comportamento dos itens lexicais nos processos de variação e mudança. Além disso, o modelo estatístico (modelo de efeitos fixos) também não permitia que uma variável aleatória (tal como o item lexical) fosse analisada conjuntamente com as demais variáveis de efeito fixo. De qualquer forma, as autoras tiveram o mérito de propor uma análise para um fenômeno

variável que conjugasse diferentes efeitos, tendo em vista que observaram a possibilidade de condicionamentos lexicais atuando em conjunto com condicionamentos estruturais. (Bybee, 2002)

Na análise de natureza multivariacionista, foram analisadas as seguintes variáveis independentes: extensão do vocábulo e segmento fonológico seguinte. De acordo com os resultados, a variável “extensão do vocábulo” foi a mais relevante entre todas. Assim, itens dissílabos, como ‘sendo’, representam 81% (probabilidade .53) dos casos de preservação da oclusiva [d], enquanto itens trissílabos e polissílabos possuem valor de 63% de preservação (probabilidade .46), como nos itens ‘fazendo’ e ‘namorando’, respectivamente. Logo, as autoras concluíram que a assimilação da oclusiva ocorrerá mais frequentemente em itens de maior extensão, uma vez que, com a presença de cadeias vocabulares maiores, há maiores chances de não realização de segmentos. Com relação à variável contexto seguinte, o contexto ‘silêncio’ (pausa) favoreceu a preservação de [d], sendo os contextos ‘vogal’, ‘segmento nasal’, ‘consoante ‘d’’, ‘hesitação’ e ‘consoante’ os que favorecem a assimilação da oclusiva. Contudo, a variável ‘contexto fonológico seguinte’ se mostrou relevante quando as formas de gerúndio foram analisadas em separado, o que, segundo as autoras, parece demonstrar que a variável em estudo não possui atuação em todo o léxico.

Na abordagem difusionista, por sua vez, as autoras consideraram, de maneira individual, todos os itens lexicais coletados na amostra. Em decorrência disso, a abordagem seria capaz de dar conta dos itens excluídos da metodologia multivariacionista. Dessa forma, a abordagem em análise possibilitou que tanto os itens em que houve variação quanto os itens em que não houve variação fossem relacionados entre si. Nesse tipo de análise feito pelas autoras, foi possível demonstrar que as formas de gerúndio são as que mais variaram no tocante à preservação ou assimilação da oclusiva [d]. Possivelmente, de acordo com a análise realizada por Mollica e Mattos, isso se dá em razão de a classe dos verbos, dentre todas as outras classes de palavras, ser a mais afetada pela mudança fonológica. Ainda há em questão, segundo as autoras, o fato de o segmento /ndo/ ser menos resistente ao processo de assimilação por não se tratar de um segmento incorporado à raiz dos verbos em gerúndio (Mollica e Mattos, 1992, pág 58). À vista disso, os verbos fazem parte de uma classe altamente afetada pelo processo de variação, como fora observado. Por fim, é válido dizer que, sob o viés difusionista, a gradualidade é fator fundamental para que as mudanças passem a fazer parte do léxico dos falantes. Então, ainda que alguma mudança linguística já tenha sido incorporada ao léxico da língua, essa incorporação não terá ocorrido de maneira uniforme e nem em um mesmo

período de tempo, assim como diversos condicionamentos de contextos variados terão de atuar em cada falante.

Ao relacionar as abordagens difusionista e variacionista, no que se refere às formas de gerúndio, as autoras constataram que, de 457 itens em forma de gerúndio, 262 são afetados pelo fenômeno da variação, o que significa dizer que a maioria dos itens em gerúndio presentes na análise ocorreram sem a oclusiva. Verificou-se que, entre os itens em que não houve assimilação da oclusiva, a maioria configura-se como itens polissílabos. Assim, segundo as autoras, a variável “extensão do vocábulo” não exerceria influência em relação aos itens que contêm formas de gerúndio, ao se conjugar as duas perspectivas. Por outro lado, analisando agora os itens em que se observa a assimilação da oclusiva, o parâmetro da frequência lexical deixa de ser um fator atuante nos itens de gerúndio, cedendo lugar, então, à variável “extensão do vocábulo”, considerando que a maioria dos itens possui mais de duas sílabas.

Para análise de condicionamentos lexicais, as autoras analisaram os itens a partir da classe de palavras às quais os itens pertenciam. Dessa forma, para a classe dos substantivos comuns, os mais frequentes são aqueles em que se observou assimilação da oclusiva, não ocorrendo, por outro lado, assimilação da oclusiva em itens menos frequentes. Durante a coleta de dados, as autoras não encontraram substantivos próprios que tenham sido afetados pelo processo de variação, isto é, em que tenha ocorrido assimilação da oclusiva. Em relação à classe dos adjetivos, as autoras encontraram o mesmo que foi observado no caso dos substantivos próprios. Um dos fatores possíveis para explicar o fato de os adjetivos não terem sido afetados pela variação é a ocorrência de poucos casos na amostra, além de um certo desequilíbrio relacionado ao “tamanho do item”.

Para explicar o fato de a classe dos adjetivos não ter sido afetada, as autoras julgam haver a possibilidade de ser em razão da baixa frequência de itens, com exceção de um elemento – que possui frequência média. Logo, as variáveis que parecem exercer influência nesse caso são Frequência e Categoria Gramatical.

Por fim, na classe dos verbos no presente não atingidos pela assimilação da oclusiva, as autoras observaram a atuação do parâmetro “frequência”, pois há poucos registros na análise, o que seria o fator responsável por não favorecer o processo de assimilação estudado. Em relação àqueles que são afetados, as autoras acreditam que haja um balanceamento entre as variáveis “frequência” e “extensão do vocábulo”, tendo em

vista que as quatro formas verbais encontradas só possuem três sílabas, sendo duas formas de frequência média e duas de baixa frequência.

Aragão e Araújo (2016), a fim de obterem maior conhecimento acerca das variedades do português falado no Brasil, realizaram um estudo que abordou o processamento de apagamento de /d/ nos morfemas de gerúndio a partir de falantes de diversas regiões do país. No estudo, as autoras partem do princípio de que o processo de redução do gerúndio é um fenômeno estigmatizado no português brasileiro (Aragão e Araújo, 2016, pág. 11). Ao discorrerem sobre a metodologia seguida no trabalho, Aragão e Araújo justificam a escolha do corpus pertencente ao Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) por se tratar do “maior e mais atual banco de dados do português falado”. A análise das autoras parte de uma amostra composta por 96 informantes provenientes do projeto ALIB, residentes de 12 capitais do país, distribuídos nas regiões Norte, Sul e Centro-Oeste. Em decorrência de serem capitais mais recentes e, por isso, sem normas linguísticas de fato estabelecidas, Palmas e Brasília não compõem o projeto.

Para estratificar os dados coletados da amostra, as pesquisadoras lançaram mão dos seguintes critérios para os dados coletados de 08 falantes de cada localidade examinada: “escolaridade” (até a 8^o série do ensino fundamental e ensino superior completo), “faixa etária” (18 a 30 anos; 45 a 60 anos); “sexo” (feminino; masculino). Os informantes do estudo deveriam ser nascidos no local analisado ou serem filhos de pais nascidos no local analisado. Dessa maneira, as autoras controlaram somente variáveis de caráter extralinguístico. Em razão da aplicação do Questionário Fonético Fonológico (QFF) no ALIB, os falantes da amostra pareceram monitorar as respostas que forneciam durante as entrevistas, o que levou as autoras a entenderem que o estilo de fala dos informantes seja, então, mais monitorado.

Dentro do QFF, foram encontrados poucos itens lexicais em forma de gerúndio. Os itens encontrados foram ‘fervendo’, ‘remando’ e ‘dormindo’. Consequentemente, para que a variável linguística “item lexical” não exercesse influência nos resultados, as variáveis de caráter linguístico não puderam fazer parte do estudo em questão. Por fim, a partir da transcrição fonética dos itens coletados, os dados coletados foram codificados e submetidos ao programa GoldVarb X para que se obtivesse uma análise estatística dos dados.

Em relação à distribuição geral das variantes por região, as autoras encontraram os seguintes resultados:

QUADRO 01. Resultados Aragão e Araújo (2016) para a realização do segmento /ndo/

	Realização da oclusiva	Ausência da oclusiva
Região Centro-Oeste	71,8% (51/71)	28,2% (20/71)
Região Norte	82,4% (122/148)	17,6% (26/148)
Região Sul	94,7% (71/75)	5,3% (4/75)

Fonte: realização própria

As autoras apontaram, para cada região, que as variáveis relevantes, de acordo com a ordem de seleção do programa estatístico, foram:

(a) região Centro-Oeste: escolaridade e sexo, sendo os falantes menos escolarizados e do sexo masculino aqueles que mais favoreceram a ausência da oclusiva;

(b) região Norte: sexo, escolaridade e localidade, sendo os falantes do sexo masculino menos escolarizados e das capitais Porto Velho e Rio Branco aqueles que mais favorecem a ausência da oclusiva;

(c) região Sul: em razão da pouca quantidade de dados em que a oclusiva não se realizou, nenhuma variável foi selecionada pelo programa.

Em suma, os resultados de Aragão e Araújo (2016), sobretudo no que diz respeito às regiões Centro-Oeste e Norte, apontam para o fato de a ausência da oclusiva ser favorecida por falantes menos escolarizados e do sexo masculino. Segundo as autoras, isso revela o caráter inovador e não-padrão da ausência da oclusiva.

No estudo de Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018), os dados foram obtidos junto ao Banco de Dados Falares Sergipanos. A amostra, que conta com 20 entrevistas realizadas com falantes da capital Aracaju, é estratificada de acordo com sexo/gênero do falante e sua escolarização atual, podendo ser do ensino médio – em que participaram alunos dos colégios estaduais Professor João Costa e Ministro Petrônio Portela – e ensino superior – estudantes da Universidade Federal de Sergipe. Para compor o estudo, foram analisadas 10 entrevistas com falantes do ensino médio e 10 entrevistas com estudantes universitários; a duração média das entrevistas foi de 50 a 60 minutos. Por fim, o programa selecionado para analisar os dados foi o Elan. As variáveis independentes

analisadas foram: classe gramatical (nome, numeral, conectivo, verbo flexionado no pretérito/presente, gerúndio); extensão da palavra (duas, três, quatro ou mais sílabas); contexto seguinte (pausa, não pausa); contexto antecedente (vogal anterior, vogal média, vogal alta); recorrência da palavra (frequência única, de duas a dez ocorrências, mais de dez ocorrências, mais de cinquenta ocorrências); conjunção; tipo de texto (opinativo, narrativo); tópico temático (formal, informal).

Além disso, o estudo contou com testes de significância, testes de regressão logística e de árvore de inferência condicional. O primeiro tipo de teste foi aplicado para cada variável de forma independente. Já o segundo recorreu ao modelo de efeitos mistos, em que o informante e o item foram as variáveis aleatórias. Por fim, o teste de árvore de inferência condicional foi aplicado pelo programa estatístico R.

Ao realizar a análise de dados, os autores chegaram ao total de 951 contextos em que o segmento /ndo/ ocorre. No entanto, do total de 951 contextos de ocorrência, 8 foram descartados do estudo. Logo, as ocorrências de /ndo/ nos itens ‘condomínio’, ‘candomblé’ e ‘abandonando’ não puderam ser aproveitadas, uma vez que a realização do segmento em análise se dá de maneira categórica em contexto anterior à sílaba tônica, que é o caso dos itens lexicais citados.

Em relação à variável “classe gramatical”, os autores mantiveram a categorização utilizada em Mollica e Mattos (1992), com algumas adaptações. Assim, como foi constatado no trabalho de Mollica e Mattos, a ordem de preservação da oclusiva quanto à classe gramatical foi a mesma: numeral (71%) > verbo flexionado (65%) > nome (56%) > conectivo (48%) > gerúndio (33%), em que se organizam do maior ao menor nível de preservação. Em relação às demais variáveis estruturais, observou-se que o grau de preservação da oclusiva é maior nos seguintes casos: (1) contexto anterior: vogal posterior; (2) alta frequência do item lexical; (3) menor número de sílabas. Em relação à quantidade de sílabas, as palavras dissílabas, quando comparadas com itens trissílabos e polissílabos, apresentam maior nível de preservação de /d/.

No tocante aos fatores estilísticos, o estudo parece indicar para possíveis efeitos causados pelo monitoramento da fala, pois os textos do tipo opinativo conservam mais a oclusiva (45%), ao passo que, em relação ao grau de formalidade do discurso, aqueles que possuem formalidade mais elevada na escrita também tendem a preservar mais a oclusiva (42%). Os fatores sociais que fizeram parte do estudo também parecem indicar para os efeitos do monitoramento, levando em consideração que as mulheres e universitários foram os que mais preservaram a oclusiva /d/.

Diferentemente do que foi realizado no trabalho de Mollica e Mattos, não houve separação entre palavras variáveis e invariáveis. Porém, ao adaptar a análise necessária ao estudo aqui em questão, os autores segmentaram os dados em: gerúndio e não gerúndio, tipo de análise que considera tanto efeitos fixos quanto aleatórios. A partir disso, tem-se: morfemas de gerúndio tendem à não conservação da oclusiva, assim como falantes universitários do gênero masculino. Ao relacionar as variáveis ‘tipo de texto’ ‘sexo’ e ‘escolaridade’, houve a ocorrência de 41 itens lexicais com o apagamento de /d/ concorrendo com 39 ocorrências em que houve a realização.

Quando a variável ‘tipo de verbo’, que trata da regularidade ou irregularidade dos verbos, é analisada em conjunto com as outras variáveis anteriores, observa-se que os verbos pertencentes à primeira conjugação desfavorecem a preservação, da mesma maneira vista para os verbos irregulares. De forma semelhante ao que foi analisado em outro estudo sobre a variável e conduzido por Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) na região Nordeste, a preservação de /d/ é desfavorecida por verbos de primeira conjugação, falantes do sexo masculino e estudantes do ensino médio.

Em relação aos indivíduos da amostra, esse é um fator que apresenta variância quanto às análises realizadas acerca de efeitos fixos, ou seja, é uma variável que apresentou variabilidade nas análises de todos os contextos e também na análise somente de morfemas de gerúndio. Logo, ao conjugar todas as variáveis linguísticas em uma única análise, percebe-se que a variabilidade de indivíduos é significativamente relevante. Sendo assim, o sugerido é que a ampliação do número de falantes é necessária para o estudo.

Tratando agora dos testes de regressão logística, todas as variáveis do estudo fizeram parte desse tipo de análise. Aqui, para a variável classe gramatical foi constatado que os morfemas de gerúndio preservam menos a oclusiva do que os demais contextos. Já em relação ao fator escolaridade – dividido quanto ao sexo do falante – tem-se que a preservação é maior realizada por universitários, assim como acontece com falantes femininas do ensino médio.

Contudo, os efeitos de saliência estrutural no condicionamento da variação, enquanto proposta inicial do trabalho, não pôde ser analisada, uma vez que a sobreposição de itens em fatores afeta o balanceamento dos resultados de uma análise estatística, que foi por meio do modelo de regressão logística de modelo misto. Portanto, entende-se a necessidade de uma reavaliação quanto ao tipo de estudo realizado, em vista de considerar os itens atingidos e não atingidos pela variação, além das variáveis estruturais. Dessa forma, os autores acreditam na demanda de uma amostra que abarque falantes mais

diversos e um número maior de ocorrências para possibilitar um estudo mais preciso da variante em questão.

3. METODOLOGIA

O capítulo atual será dedicado a discorrer acerca da metodologia que foi empregada para compor o presente trabalho: a amostra de fala, as variáveis analisadas, bem como o programa e modelo estatístico utilizado para as análises.

3.1 Amostra Censo 2000

Constituída entre os anos de 1999 e 2000, a Amostra CENSO 2000 baseou-se nos mesmos parâmetros de estratificação da Amostra CENSO 1980: mesma segmentação de faixa etária (07 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e acima de 50 anos), composta por falantes de 03 níveis de escolaridade (1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental e Ensino Médio), sexo masculino e feminino por 32 (trinta e duas) horas de gravação. Os falantes pertenciam a diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro, tendo sido selecionados de maneira aleatória. Para a presente pesquisa, foram selecionados 08 (oito) falantes:

QUADRO 02. Estratificação por faixa etária - Amostra Censo 2000.

	Ensino Fundamental		Ensino Médio	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Faixa etária 01 (até 29 anos)	02	02	01	–
Faixa etária 02 (30 a 49 anos)	01	01	–	01

Elaboração: realização própria

Os falantes foram selecionados em razão do compartilhamento de características comuns que os aproximam em termos sociais: todos os falantes selecionados tiveram acesso ao ensino formal, não eram moradores de favelas e, em sua maioria, atuavam no mercado formal de trabalho.

3.2 Variável dependente

Foram consideradas as variantes da variável dependente:

- a oclusiva alveolar sonora: brinc[ãdʊ]
- a nasal alveolar: brinc[ãŋʊ]

3.3 Variáveis independentes

Para a presente pesquisa, foram consideradas as seguintes variáveis linguísticas, as quais foram selecionadas a partir do estudo de Mollica e Mattos (1992). Relativamente às variáveis sociais, essas seguiram os parâmetros de estratificação da Amostra Censo 2000.

a. **vogal nasal precedente:** embora nenhum efeito desta variável tenha sido observado em estudos anteriores, decidiu-se por manter a análise da vogal nasal precedente, pois algum condicionamento estrutural desta natureza poderia ser capturado

- vogal baixa, central: brinc[ã]do (*brincando*), qu[ã]do (*quando*)
- vogal média, anterior: vend[ê]do (*vendendo*)
- vogal média, posterior: prop[ô]do (*propondo*), [ô]de (*onde*)
- vogal alta, anterior: sa[í]do (*saindo*)
- vogal alta, posterior: m[û]do (*mundo*), seg[ũ]do (*segundo*)

b. **tamanho do item:** segundo Mollica e Mattos (1992), itens menores (dissílabos) favorecem a realização da oclusiva alveolar [d] e itens maiores (polissílabos) favorecem a realização da nasal alveolar [n]

- dissílabo: indo, quando, mundo
- trissílabo: falando, querendo, opondo, saindo
- polissílabo: preparando, trabalhando

c. **contexto seguinte:** segundo Mollica e Mattos (1992), a pausa no contexto seguinte favorece a realização da oclusiva alveolar [d]

- pausa: "Eu estava saindo (pausa)"
- sem pausa: "Ela estava atravessando a rua quando o carro passou"

d. **status morfológico:** segundo Mollica e Mattos (1992), as formas de gerúndio favorecem a realização da nasal alveolar [n]. De todos os itens analisados pelas autoras, a maioria dos itens de gerúndio foi realizada com a nasal alveolar

- forma de gerúndio: falando, comendo, partindo
- não forma de gerúndio: ainda, quando, onde, segundo

e. **faixa etária:** como a nasal alveolar [n] é considerada a forma inovadora, espera-se que os mais jovens favoreçam o uso desta variável

- faixa 2 (26 a 49 anos)

- faixa 3 (acima de 50 anos)
- f. **sexo:** espera-se que as mulheres favoreçam o uso da nasal alveolar, tendo em vista que, conforme observa Chershire (2003) a partir dos achados da Labov (1990), as mulheres, em caso de mudança de baixo para cima, tendem a usar mais a variante inovadora
- homem (sexo masculino)
 - mulher (sexo feminino)
- g. **escolaridade:** como a variante nasal é reportada em diferentes estudos sobre a variável como sendo a variante estigmatizada, espera-se que esta variante seja favorecida por falantes com menor escolaridade (Ensino Fundamental)
- Ensino Fundamental
 - Ensino Médio
- h. **falante:** o papel do indivíduo na variação é entendido, de maneira geral, em função da relação entre o indivíduo e a comunidade de fala em que ele mesmo se encontra inserido (GOMES, 2011). Assim, esta variável foi analisada a fim de verificar em que medida os falantes das amostras contribuem para a variação e se o comportamento de cada um dos falantes se dá da mesma maneira que aquela observada para os demais indivíduos que compõem a amostra.
- i. **item lexical:** essa variável foi analisada, a fim de que fosse possível observar possíveis condicionamentos lexicais para a realização da variável.

3.4 Programa estatístico

A fim de viabilizar a observação tanto das variáveis de efeito fixo quanto as variáveis de efeito aleatório, os dados coletados foram submetidos ao programa Rbrul, que permite “rodar variáveis contínuas como variáveis independentes, variáveis contínuas como variável dependente; dar conta de modelos mistos – by-speaker, by-item; estimular efeitos between-groups (gênero/sexo) e within-groups (indivíduos)” (GOMES, 2011).

4. RESULTADOS E ANÁLISES

Neste capítulo, serão apresentadas as análises dos resultados obtidos para os dados de produção coletados na amostra descrita no capítulo anterior, os quais foram submetidos à análise estatística do programa Rbrul. Importante ressaltar que as análises são independentes, isto é, os dados de cada amostra foram rodados em separado, tendo em vista que as amostras possuem especificidades quanto à estratificação dos falantes, além de uma diferença temporal entre as amostras. Assim, os dados para a presente análise foram obtidos a partir de um subgrupo de falantes da Amostra CENSO 2000, os quais tinham perfil de classe média-média e média-baixa, tendo sido a referida amostra constituída no ano de 2000.

A distribuição geral das variantes pode ser observada na Tabela 01 a seguir:

Tabela 01. Distribuição geral das variantes de /ndo/ - Censo 2000

[n]	[d]
74,83% (645/862)	25,17% (217/862)

Elaboração: fonte própria

Os resultados da Tabela 01 contrariam as expectativas iniciais, tendo em vista que se esperava um resultado mais parecido com o que Mollica e Mattos (1992) encontraram para a Amostra Censo 1980: as autoras encontraram um percentual de 31% de realização da oclusiva em contexto /ndo/ para falantes com as mesmas características sociais daqueles analisados nesta pesquisa. A distribuição das variantes ficou muito parecida com aquela encontrada por Costa (2019), que levantou dados da mesma variável em uma amostra de fala com adolescentes excluídos socialmente da comunidade de fala do Rio de Janeiro (Amostra EJLA): 72,1%. A partir disso, a hipótese é de que há a possibilidade de estar em curso um processo de mudança em direção à nasal e que este processo tenha tido um avanço considerável, principalmente nas últimas décadas do século XX. Serão necessários mais dados de outros falantes da Amostra Censo 2000, bem como de outras amostras mais recentes, a fim de se comprovar esse possível processo de mudança na comunidade de fala do Rio de Janeiro.

Ainda sobre a distribuição das variantes, Melo e Silva (2022) aplicaram experimentos sobre a realização do segmento /ndo/ em falantes universitários da comunidade de fala do Rio de Janeiro. Os autores observaram uma avaliação ligeiramente mais negativa da nasal alveolar em relação à oclusiva, no entanto, a diferença de avaliação foi bem menor do que inicialmente era esperado. Os resultados desta pesquisa conjugados

aos resultados de Melo e Silva (op. cit.) podem apontar para uma maior realização da variante nasal e, conseqüentemente, uma menor percepção de diferença entre as variantes. Como dito anteriormente, serão necessários mais dados - de produção e percepção - para que se confirme a hipótese de mudança em direção à nasal.

A primeira rodada no Rbrul incluiu todas as ocorrências e itens. Nela, todas as variáveis estruturais fizeram parte da análise. As variáveis de efeito aleatório não foram analisadas, sendo parte da análise, portanto, apenas as variáveis estruturais de efeito fixo. A aplicação foi a realização da variante nasal. Nesta primeira rodada, a fim de tentar capturar condicionamentos estruturais, as variáveis sociais não fizeram parte da análise. O resultado desta primeira rodada foi o seguinte:

vogal nasal precedente (2.35e-06) + tamanho do item (0.113) + status morfológico (0.379) + pausa (0.407)

Portanto, é possível observar que, além de ser a única variável selecionada pelo programa, a variável *vogal nasal precedente* apresentou um valor muito elevado (2.35e-06) para a alternância entre a oclusiva alveolar [d] e a nasal alveolar [n]. Conforme se depreende da Tabela 02, foi atestado que ocorre o favorecimento da realização da variante nasal quando a vogal precedente é média e baixa [e] e [a], sendo a mesma variante desfavorecida diante de vogais altas [i] e [u]:

Tabela 02: Resultados para a variável vogal nasal precedente.

	Apl/N	%	peso
E	148/170	87,2	0.684
A	545/702	77,6	0.568
I	60/84	71,7	0.467
U	109/238	45,9	0.286

Elaboração: fonte própria

Isto posto, nota-se que a realização da variante nasal alveolar [n] é favorecida justamente pelas vogais temáticas das conjugações verbais que são mais frequentemente empregadas no português brasileiro. Assim, essa variável pode não indicar um condicionamento fonético em razão das propriedades das vogais, mas sim em razão da vogal temática dos verbos do PB.

A respeito da variável status morfológico, que não foi selecionada como relevante nesta primeira rodada para a alternância entre [d] e [n], é possível afirmar que existe a possibilidade de isto ter acontecido por conta do desbalanceamento entre a quantidade de ocorrências em determinados itens lexicais. Assim dizendo, a amostra dispõe de uma grande quantidade de ocorrência de itens não-verbais concentrada em poucos itens, como é o caso dos itens ‘quando’, ‘mundo’ e ‘segundo’. Como há, pelo contrário, uma grande pulverização de itens com formas de gerúndio, os pesos relativos entre as formas de gerúndio e não gerúndio ficaram próximos, como mostra o quadro abaixo. Por isso, acredita-se no envolvimento de algum condicionamento lexical relativo à variável status morfológico.

Tabela 03: Resultados para a variável status morfológico.

	Apl/N	%	Peso
gerúndio	542/659	82,3	0.532
não-gerúndio	320/515	62,2	0.468

Elaboração: fonte própria

Acerca da segunda rodada, somente itens que apresentaram mais de três ocorrências compuseram a análise e as variáveis de efeito aleatório selecionadas pelo Rbrul foram o item e o falante. Esta segunda rodada não selecionou nenhuma variável como significativa para a realização da variável:

tamanho (0.0566) + vogal nasal (0.111) + idade (0.249) + escolaridade (0.327) + status morfológico (0.488) + pausa (0.548) + sexo (0.998)

Sendo assim, nota-se que a diferença de pesos relativos entre o item de maior peso e o de menor peso apresenta valor considerável de 0,197. Em outras palavras, é verificado que nenhum condicionamento de natureza estrutural ou social se manteve como relevante. Além disso, diferentemente da primeira rodada, nenhuma variável linguística se mostrou relevante quando são testadas em conjunto com as variáveis aleatórias. Semelhante à primeira rodada, que foi constituída somente por variáveis estruturais, isso também parece indicar para a possibilidade de haver algum condicionamento lexical envolvido.

Especificamente em relação aos itens, ‘quando’ e ‘mundo’ em conjunto totalizam 444 ocorrências totais, sendo 273 ocorrências com a variante nasal, o que significa dizer que são os itens com a maior frequência de ocorrência da amostra com essa variante, representando, então, 1/3 dos dados obtidos. Os dois itens possuem duas peculiaridades,

pois não são marca de gerúndio e são itens dissílabos. Entretanto ainda assim apresentam percentuais (70,1% e 48,6%, respectivamente) e peso relativos (0.551 e 0.607, respectivamente) elevados para a realização da variante nasal.

Tabela 04. Itens com as maiores frequências de ocorrências e seus pesos relativos para a realização da variante nasal.

Item	Apl/N	%	Peso
indo	9/11	88,9	0.627
mundo	72/158	48,6	0.607
falando	29/30	96,6	0.592
sendo	16/17	93,8	0.584
fazendo	27/29	92,6	0.582
trabalhando	17/18	94,1	0.570
jogando	9/9	100,0	0.570
vendo	17/19	88,2	0.563
quando	201/286	70,1	0.551
querendo	15/16	93,3	0.527
estudando	9/11	88,9	0.510
Edmundo	9/16	55,6	0.500
dando	11/15	72,7	0.492
saindo	9/14	66,7	0.476
entendendo	13/15	84,6	0.446
segundo	19/45	42,1	0.430

Elaboração: fonte própria.

Tomando os resultados em conjunto, é possível observar que a ocorrência da variante nasal é muito mais expressiva do que aquela observada por Mollica e Mattos (1992) para a mesma comunidade de fala com uma distância temporal de 20 anos. Além disso, os condicionamentos estruturais observados por Mollica e Mattos parecem não se manter, o que pode apontar para algo que as autoras tentaram capturar: a atuação de efeitos de natureza lexical. De fato, há mais itens com formas de gerúndio /ndo/, os quais apresentam uma variabilidade muito grande de itens. É certo também que há um percentual alto de ocorrência da variante nasal em sequência /ndo/ em itens não-verbais, porém, diferentemente das formas de gerúndio, os itens não-verbais se concentram em

poucos itens, sendo alguns com alta ocorrência da variante nasal.

Os resultados podem ser mais bem acomodados em uma perspectiva que conceba a variação como representação, tal como os Modelos de Exemplares. Isto porque, por meio desta perspectiva, é possível conciliar, numa mesma modelagem, condicionamentos estruturais e lexicais. Assim, pode ser que, devido à alta frequência de ocorrência, itens como *quando* estejam mais avançados em relação a um possível processo de mudança em direção à variante nasal.

É possível pensar ainda que as formas de gerúndios tenham sido primeiramente afetadas pelo processo de variação, conforme apontam Mollica e Mattos (1992). Como os Modelos de Exemplares preveem que os itens estão organizados em redes em razão de similaridades fonéticas e/ou semânticas, pode ser que itens com a sequência /ndo/ tenham sido afetados, independentemente de serem ou não formas de gerúndio. Ademais, como as formas de gerúndio mais frequentes são as de 1ª conjugação (incluem a vogal [a]), isso pode ajudar a explicar, ao lado da frequência, o porquê de o item *quando* apresentar um número tão expressivo de ocorrências com a variante nasal. Estudos futuros e com mais dados podem ajudar a elucidar essa hipótese.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho era observar a variação do segmento /ndo/ em falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro. Para tanto, foram selecionados 08 falantes da Amostra Censo 2000: 04 homens e 04 mulheres. As variáveis de análise foram aquelas observadas por Mollica e Mattos (1992). As autoras realizaram um estudo sobre a mesma variável, com falantes da mesma comunidade de fala, a partir de dados obtidos junto à Amostra Censo 1980. Em razão do modelo de gramática e de tratamento estatístico que estavam disponíveis à época do estudo, as autoras realizaram uma análise cindida: uma análise apenas com formas de gerúndio com variáveis estruturais (análise multivariacionista) e outra análise com todas as formas (itens verbais e não-verbais) divididas em função da classe gramatical.

A presente análise procurou conjugar condicionamentos estruturais e lexicais, por meio de uma abordagem teórica diferente daquela usada por Mollica e Mattos (op. cit.): Modelos de Exemplos, tendo em vista que este modelo concebe à variação *status* representacional, permitindo que condicionamentos de diferentes naturezas sejam analisados em conjunto. Além disso, foi adotado um tratamento estatístico que pudesse conciliar tanto variáveis fixas quanto aleatórias.

As análises foram realizadas em duas rodadas: na primeira, foram analisados todos os itens lexicais com a variável, tendo sido considerados apenas as variáveis estruturais de efeito fixo; na segunda, foram analisados apenas os itens com mais de três ocorrências, tendo sido consideradas as variáveis estruturais e sociais, tanto de efeito fixo como de efeito aleatório. Relativamente aos resultados da primeira rodada, apenas a variável *vogal precedente* mostrou-se significativa: vogais médias e baixas favorecem a realização da variante nasal, ao passo que as vogais altas desfavorecem a realização de [n]. Esperava-se que a variável *status morfológico* fosse selecionada, o que não aconteceu. Isso pode ter acontecido devido ao desbalanceamento entre a ocorrência de itens lexicais de naturezas diversas: o maior número de itens é de formas verbais de gerúndio, mas há uma grande pulverização de dados; por outro lado, os itens não-verbais concentram-se em poucos itens que ocorrem muitas vezes. Essa diferença pode apontar para um possível condicionamento lexical da variável.

Na segunda rodada, em que apenas itens com mais de três ocorrências foram analisados, nenhuma variável foi selecionada. Em outras palavras, quando variáveis sociais e de efeito aleatório (item lexical e falante) são adicionadas ao modelo, nenhuma

variável linguística se mantém como relevante quando é testada em conjunto com variáveis de cunho estrutural. Esse resultado pode ser um indicativo ainda mais forte de um possível condicionamento lexical para a realização da variável. Isto porque itens não-verbais muito frequentes na amostra (*quando* e *mundo*) apresentam percentuais elevados de realização com a variante nasal e podem estar mais adiantados em um possível processo de mudança em direção à variante nasal. Além disso, tomados os pressupostos dos Modelos Baseados no Uso, é possível supor ainda que a representação dominante (ou central) para alguns itens, tal como *quando*, pode ser aquela que contém a variante nasal, sendo aquela com a variante oclusiva a representação periférica (ou não central).

É certo que as hipóteses aventadas acerca da direcionalidade de um possível processo de mudança, bem como de condicionamento lexical da variável, dependem de mais dados, de mais falantes, quer sejam da Amostra Censo 2000, quer seja de outros grupos sociais e/ou amostras de fala. Assim, futuramente, pretende-se dar andamento ao levantamento de dados de falantes da Amostra Censo 2000, a fim de dar mais robustez às análises e confirmar - ou não - as hipóteses deste trabalho. Além disso, como o levantamento foi feito de oitiva, é indicado que se faça uma análise acústica dos dados que foram obtidos pode ser um caminho a ser seguido para possibilitar a captação dos detalhes fonéticos que fazem parte dos itens produzidos nas entrevistas. Também é interessante haver a análise acústica dos dados obtidos para fins de verificação e exploração, bem como a elaboração de experimentos de produção, para que seja possível testar o que foi verificado ao longo do trabalho e oferecer novos prosseguimentos à pesquisa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Aluiza Alves de; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. O apagamento de /d/ no morfema de gerúndio nas capitais brasileiras a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil. **Confluência** - Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro (RJ), n. 50, p. 9-30, 2016.

BYBEE, J. L. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. *Language Variation and Change*, 14 (2002), 261–290.

_____. **Língua, uso e cognição** / Joan Bybee; tradução Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. — São Paulo: Cortez, 2016.

COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CRISTÓFARO SILVA Thaís; GOMES, Christina Abreu. Variação linguística: antiga questão e novas perspectivas. **Linguagem**, Amapá, v. 1, n. 2, p. 31-41, 2004.

CRISTÓFARO SILVA, T; GOMES, C. A. Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplos. In: Gomes, C. A. (org). **Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplos**: para além do dualismo natureza/cultura na ciência linguística. São Paulo: Contexto, 2022, p. 13-36.

FREITAG, Raquel.M. Ko; CARDOSO, Paloma Batista; PINHEIRO, Bruno Felipe Marques (2018). Saliência na conservação de /d/ no segmento /ndo/: efeitos sociais e estilísticos. **Gragoatá**.

GOMES, C. A. Para além dos pacotes estatísticos VARBRUL/GOLDVARB e RBRUL: qual a concepção de gramática?. In **Revista GELNE**. Volume 13, no 01, 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**; tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, M. A. S. L.; SILVA, Ísis Garcia Bastos. [avali'ãdʊ] ou [avali'ãnu]: o significado social da alternância [d] ~ [n] entre jovens universitários cariocas. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 27

MOLLICA, M. C.; MATTOS, P. Pela conjugação das abordagens variacionista e difusionista. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, Faculdade de Letras, UFMG, v. 1, n. 1, p.53-63, 1992.

NASCIMENTO, K. R. S. do; ARAÚJO, A. A. de; CARVALHO, W. J. de A. A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista. **Vereadas**. Juiz de Fora, v.2. p. 398-413. 2013.

PATRICK, P. The speech community. In Chambers, J. K.; Trudgill, P.; Schilling-Estes. N. (eds). **The Handbook of Language Variation and Change**. Blackwell Publishing, 2003.

PIERREHUMBERT, J. B. PIERREHUMBERT, Janet B. Knowledge of Variation. **Papers from the Parasession on Variation**, 30th meeting of the Chicago Linguistic Society, Chicago Linguistic Society, Chicago, 25 pp, 1994.

_____. **Phonological representation**: Beyond abstract versus episodic. Annual Review of Linguistics v. 2, p. 33-52, 2016.

WEINREICH, LABOV & HERZOG. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**; tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.